

4

Escolas de prestígio: da qualidade à distinção

4.1

Objetivos

Observamos no capítulo anterior com os dados do censo o fenômeno de forma sincrônica. Em outras palavras, vimos as não aprovações em cada ano (2003, 2004 e 2005) sem levar em conta o processo evolutivo do fenômeno. Este capítulo tem o objetivo de analisar o fenômeno de forma diacrônica, isto é, observando o processo para compreender os padrões de reprovação de duas escolas. Para isso é necessário entender como as escolas administram o alto índice de reprovação recompondo as coortes, pois este é um componente essencial do mecanismo de manutenção das turmas afetadas pelas taxas de reprovação.

Isso também é importante de ser analisado porque é na conjugação de desempenho e fluxo que está inserido o conceito qualidade. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB, foi criado pelo Inep para as escolas públicas justamente pensando nisso. Considerou-se que qualidade de ensino não seria compatível com a exclusão e pré-seleção, daí a importância da relação do fluxo com o desempenho escolar. Como todas essas instituições são de prestígio, portanto têm bons desempenhos e figuram entre as melhores do Rio de Janeiro e do Brasil, julgamos importante observar o fluxo para entender como se mantém a qualidade nestas escolas.

Emerique (2008) no seu estudo sobre o percurso do conceito “qualidade de ensino” observou que esta seria uma expressão derivada da expansão escolar, enquanto que a excelência acadêmica derivaria de seleção escolar. Como vimos na introdução, a partir do momento que se observou que a questão do acesso escolar tinha sido praticamente resolvida, a qualidade passou a ser o foco da questão. Considero que o estudo em duas escolas de prestígio nos ajuda a aprofundar esse tema, na medida em que nos mostra com relação ao fluxo como esta excelência é alcançada.

4.2 Dados e tratamento

Para realizar esta análise criei o que chamei de *ciclo de série*, considerei o percurso ideal das séries que começaria na 1ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio³¹. Esta categoria me permitiu analisar o impacto das reprovações e das transferências dos alunos nas estratégias de composição das turmas pelas escolas. Em outras palavras, o objetivo era verificar como estava composta a 1ª série do ensino fundamental de 1995 e as subseqüentes até a formatura no 3º ano do ensino médio em 2005, computando o número de alunos que tinham sido promovidos, reprovados ou transferidos no ano anterior e o número de alunos novos.

O censo não oferece isso no fluxo escolar com as taxas de promoção, repetência e abandono do fluxo escolar. O que é possível com esses dados é a análise da progressão dos alunos pertencentes a uma coorte, em determinado nível de ensino seriado, em relação à sua condição de promovido, repetente ou evadido. Logo, não temos um dado importante que é se o aluno é novo na escola.

Para analisar os ciclos de série, construí um banco com os dados das escolas A1 e A2³². Acompanhei a entrada e saída dos alunos ao longo dos 11 anos necessários para a formatura de uma geração. No caso, quatro gerações, pois fiz o mesmo trabalho para os anos de 1995, 1996, 1997 e 1998 até a provável formatura em 2005, 2006, 2007 e 2008, respectivamente. Considerei cada 11 anos um grupo diferente e assim denominei de ciclo de série de 2005, ciclo de 2006 e assim por diante. Não denominei de coorte, nesta parte da análise, porque não acompanhei a trajetória dos alunos, e sim a sucessão das séries.

A base de dados foi construída colocando o nome do aluno, a matrícula, ano de entrada na escola, depois série por série as informações sobre sua turma, promoção, reprovação, transferência. Nas séries em que o aluno não estava matriculado na escola considerei dado faltante. Foi necessário retornar às escolas para conferir dados a partir da conferência feita nos registros. Por exemplo, alunos

³¹ Utilizarei a denominação de 1ª série, e não de 2º ano do ensino fundamental, porque era a vigente à época e seria um anacronismo fazer de outro modo.

³² Estas duas instituições estão no capítulo 3 com essa denominação e participaram da pesquisa maior desenvolvida pelo SOCED, denominado “O efeito escola na produção dos habitus dos estudantes”.

que constavam como reprovados tinham sido afinal promovidos, outros em cujo registro não constava a sua transferência e assim por diante.

Ao realizar o acompanhamento das séries, pude entender o movimento das instituições na regulação do seu fluxo escolar. Esse tipo de construção não seria possível de se realizar com os dados do censo, pois este não acompanha a trajetória de alunos individualmente, e sim, como já foi dito anteriormente, das instituições.

Em seguida, fiz o acompanhamento da coorte da turma de 1997 da escola A1³³: verifiquei os nomes dos alunos que entraram na primeira série de 1997(série de entrada na escola), pois ela não tem educação infantil, até os que conseguiram se formar no ensino médio em 2007. Adotei como critério básico a coorte que tinha um número intermediário de formandos na escola sem nenhuma defasagem escolar.

Na análise da coorte de turma fiz uma tentativa de estabelecer o perfil do aluno que permanece nesse tipo de instituição com os dados de ocupação de pai e mãe, endereço e desempenho acadêmico.

4.3 Ciclos de Série

4.3.1 Recrutamentos de alunos

Nas duas escolas a seleção já é demonstrada por uma realidade de quatro candidatos por vaga no primeiro ano do ensino médio³⁴. Para a 1ª série do ensino fundamental, por exemplo, a informação dada pela supervisora da escola A1 é que foram 148 candidatos para 75 vagas no ano de 2010.

A primeira questão de interesse era saber quantos alunos estavam matriculados nas séries ao longo dos anos. Como poderemos ver no gráfico a seguir, o recrutamento de alunos novos para a primeira série variou no tempo nas duas escolas. A primeira série da escola A1 teve 78 alunos nos anos de 1996 e 1997, mas teve 90 em 1998; já na Escola A2, em 1995, entraram na 1ª série 127

³³ Os gráficos das coortes de turma de ambas as escolas dos anos de 1995, 1996, 1997 e 1998 estão no anexo nº 1.

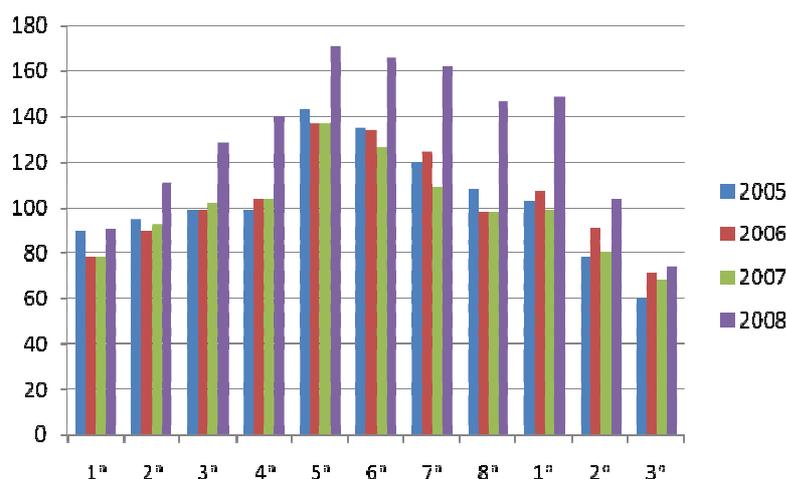
³⁴ De acordo com a informação veiculada na imprensa - ALMEIDA, Livia de. O caminho para a vitória. Veja Rio, Rio de Janeiro, 4 nov. 2009. Educação, p. 24-30.

alunos, mas, em 1998, entraram apenas 104 alunos novos³⁵. O número máximo de alunos em todos os anos é na 5ª série, pois há uma entrada grande de alunos novos, provavelmente provenientes de escolas que só vão até a 4ª série. Ou, como denominou Paes de Carvalho (2006), como resultado de um “refinamento” do investimento escolar; essa grande quantidade de trocas de escola que se observa entre o final do primeiro e o início do segundo segmento do ensino fundamental.

Nas duas escolas, o menor número de alunos é sempre no 3º ano do ensino médio³⁶. Conforme se verá, apesar de não haver um número fixo de matrículas ao longo das séries, podemos ver que existe um fluxo mais ou menos regular de alunos, isto é, as escolas mantêm a mesma ordem de grandeza em cada série. A diferença é que na Escola A1 a curva descendente é mais acentuada do que na Escola A2, pois nesta o número de alunos nas séries é mais próximo.

Outro dado interessante de se ressaltar é que na Escola A1, no ciclo de 1998/2008, apesar de ter havido uma entrada muito grande de alunos a partir da 3ª série (coluna lilás do gráfico), chegando a ter na 7ª série quase 40 alunos a mais do que nos outros ciclos³⁷, o número de formados não acompanhou a proporção, e a diferença entre o menor número de formandos que foi o ciclo de 1995/2005 caiu para 17 alunos, o que pode parecer um ajuste para um número desejável de alunos no 3º ano do ensino médio.

Gráfico 16: Número de alunos por série dos quatro ciclos de série da Escola A1

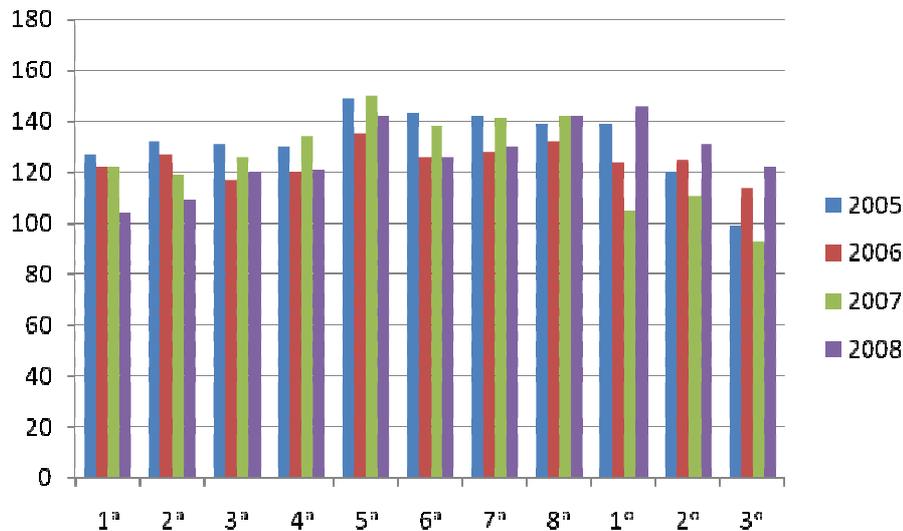


³⁵ Chamarei de alunos novos aqueles que estão ingressando naquele ano na escola, e alunos antigos aqueles que estão há mais de um ano na instituição.

³⁶ Com exceção dos formandos de 2008 da Escola A2, que foram em maior número do que os matriculados na primeira série de 1998, 122 e 104, respectivamente.

³⁷ De 1995/2005, 1996/2006 e 1997/2007.

Gráfico 17: Número de alunos por série dos quatro ciclos de série da Escola A2



4.3.2 Ciclo dos alunos

Para compreender melhor essa flutuação de número de alunos, apresento o que chamarei de consolidado das séries das duas escolas. Somei os dados dos quatro ciclos de série em cada escola, formando uma coluna para cada série. Assim obtive a coluna da primeira série agregando os dados das primeiras séries de 1995, 1996, 1997 e 1998, e assim nas séries subsequentes. Nele coloquei em cada série a proporção de alunos novos, alunos antigos, repetentes e repetentes em anos anteriores. A ideia era entender como era a composição das séries.

Podemos ver em ambos os gráficos que, na primeira série, não há repetentes, apenas alunos novos. Depois da primeira série, o maior número de alunos novos é na 5ª, com quase 30% do total na Escola A1 e pouco menos de 20% na Escola A2. A Escola A2 aceita, em proporções variadas, novos alunos em todas as séries, já a Escola A1 não admitiu alunos novos na 6ª nem na 7ª, pois, como vimos anteriormente, houve uma entrada maior de alunos na 5ª série. Nas duas escolas, vemos que, no 1º ano do ensino médio, há um aumento de matrículas novas (em torno de 10% em ambas).

É possível observar nos gráficos que uma boa proporção dos alunos repetentes do primeiro segmento do fundamental praticamente não permanecem nas

escolas. Isso corrobora o achado de Rodrigues (2004) que, em escolas de prestígio em Belo Horizonte, não conseguiu reunir famílias com alunos repetentes desse segmento para fazer parte de sua mostra. A autora foi informada de que são poucos os alunos que repetem e os que são, em geral, pedem transferência para outras escolas. De fato, o número de alunos que repete no 1º segmento do ensino fundamental é muito pequeno, como se verá nos próximos gráficos e já visto no capítulo anterior.

Gráfico 18: Consolidado dos quatro ciclos da Escola A1 com a porcentagem na composição das séries

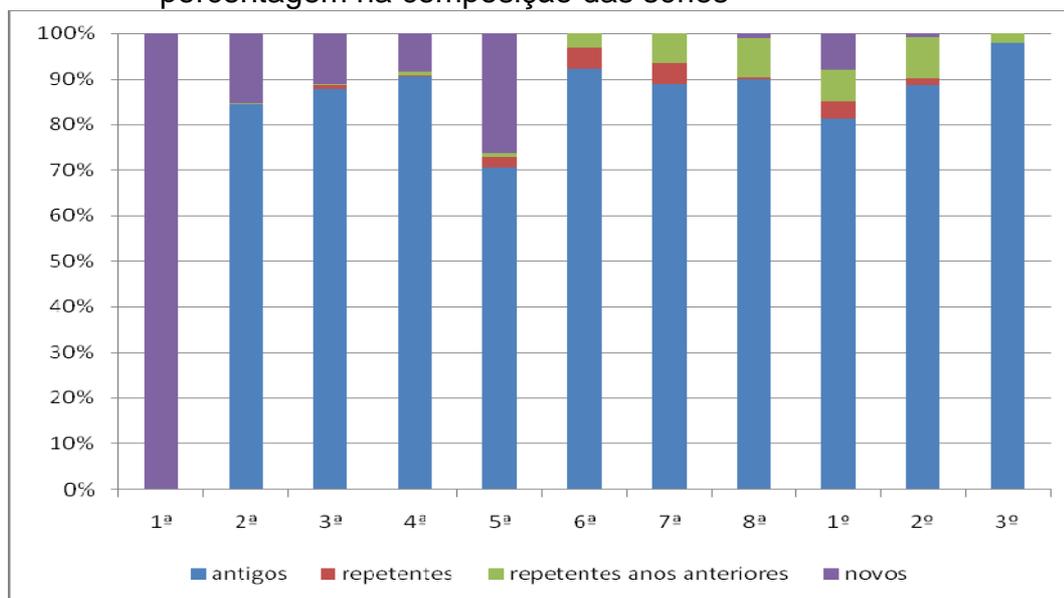
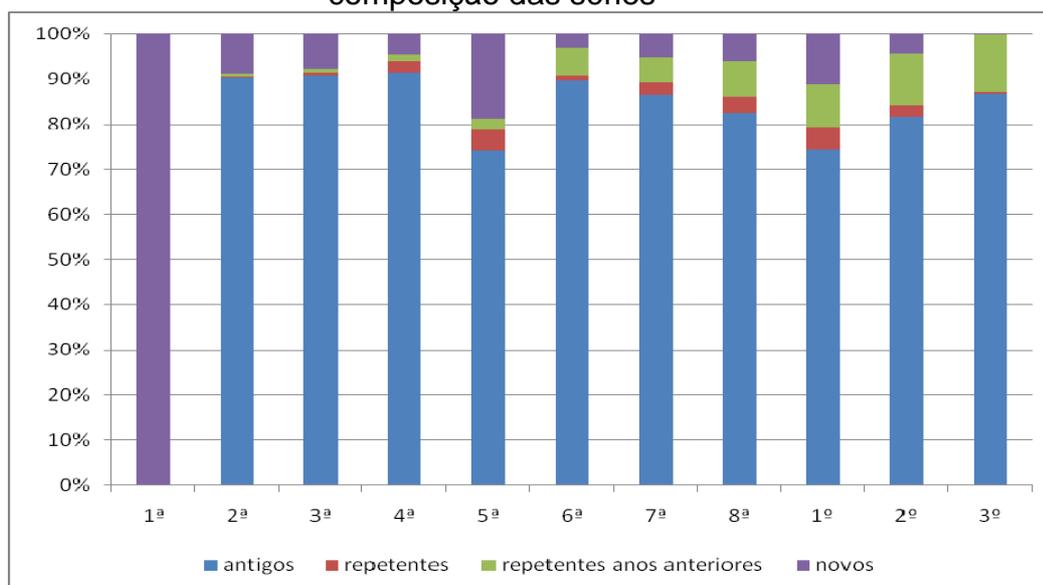


Gráfico 19: Consolidado dos quatro ciclos da Escola A2 com a composição das séries



Nas tabelas abaixo, apresento a porcentagem de alunos reprovados por série de todos os ciclos de série. Podemos ver mais uma vez que, no primeiro segmento do ensino fundamental, quase não há reprovações. Nestas escolas a primeira e a segunda série não retêm quase nenhum aluno em todos os quatro anos estudados. Nas escolas públicas é diferente, de acordo com os dados do Inep de 2005, a taxa de reprovação da 1ª e da 2ª série do ensino fundamental nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, em 2005, foi de 10% e 20,6%, respectivamente. Nas escolas investigadas, o número aumenta um pouco na 3ª e na 4ª série, mas, na comparação com os outros anos, é muito pequeno. A situação, no entanto, muda bastante a partir do segundo segmento do ensino fundamental, aí a reprovação acontece em maior número e atinge seu ápice no 1º e 2º ano do ensino médio ³⁸.

Na comparação com os dados do Inep das escolas privadas do Rio de Janeiro de 2005, as taxas de repetência do ensino médio dessas escolas são mais altas com 17,4% e 13,5% quando a média das escolas particulares é de 12%, sendo a da escola pública de 18,6%. Nas outras séries, os números são próximos ou um pouco acima. Com essas informações, mais as do capítulo anterior é possível pensar que a reprovação nestas escolas seja um sinônimo de distinção. Não é fácil entrar nem passar por elas.

Tabela 7 – Taxa de repetência dos quatro ciclos da Escola A1

Porcentagem de reprovados da Escola 1 para as quatro coortes etárias											
%	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	1EM	2EM	3EM
2005	0,0%	0,0%	3,0%	0,0%	6,5%	10,4%	6,7%	2,8%	20,4%	20,5%	3,4%
2006	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%	2,9%	5,2%	14,4%	3,1%	15,0%	11,0%	0,0%
2007	0,0%	0,0%	2,0%	2,9%	3,6%	17,3%	5,6%	2,0%	16,2%	10,0%	0,0%
2008	0,0%	0,0%	0,8%	0,7%	5,8%	3,0%	8,0%	2,7%	17,9%	16,3%	0,0%
Média	0,0%	0,0%	1,4%	1,3%	4,8%	8,5%	8,8%	2,7%	17,4%	14,4%	0,7%

Tabela 8 – Taxa de repetência dos quatro ciclos da Escola A2

Porcentagem de reprovados da Escola 2 para as quatro coortes etárias											
%	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	1EM	2EM	3EM
2005	0,0%	0,0%	0,0%	2,3%	10,7%	3,5%	7,7%	9,4%	14,0%	10,8%	4,0%
2006	0,8%	0,8%	1,7%	4,2%	5,9%	4,8%	7,0%	6,1%	7,3%	4,8%	0,0%
2007	0,0%	1,7%	0,8%	6,7%	11,3%	3,6%	5,7%	7,7%	22,9%	6,3%	0,0%
2008	1,0%	0,9%	0,0%	5,0%	5,6%	6,3%	6,2%	2,8%	11,6%	3,8%	1,6%
Média	0,4%	0,8%	0,6%	4,6%	8,5%	4,5%	6,7%	6,5%	13,5%	6,4%	1,4%

³⁸ A exceção foi a 6ª série de 2007 da Escola A1, que reprovou mais do que o ensino médio.

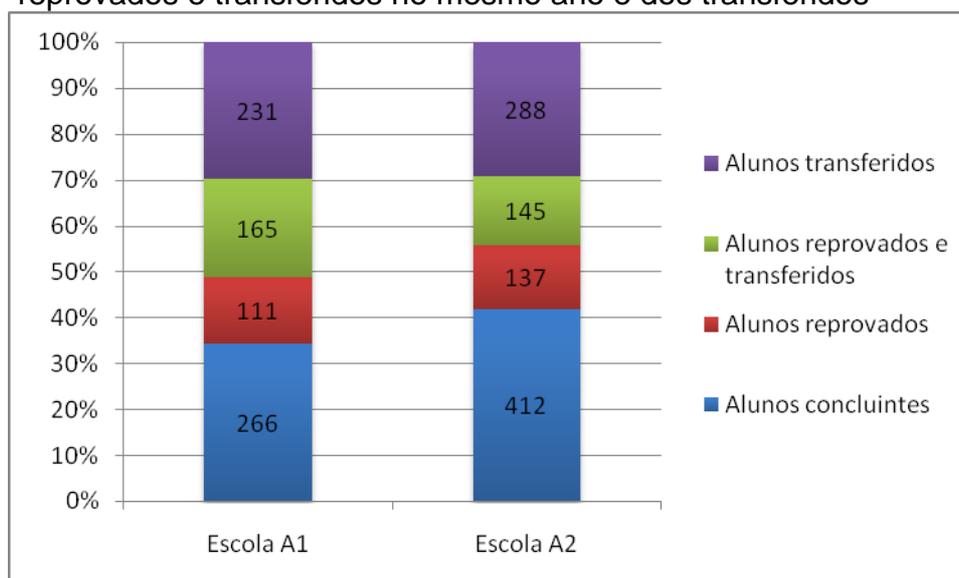
No próximo gráfico, agreguei os dados de todos os ciclos formando um consolidado por escola, por conta de os valores serem muito próximos e a leitura ficar mais fácil dessa maneira. Nele poderemos ver a proporção e o número total de alunos:

- Concluintes do 3º ano do ensino médio;
- Transferidos no mesmo ano da reprovação;
- Reprovados e que permaneceram na escola para refazer a série;
- Transferidos sem terem sido reprovados.

Vemos que muitos alunos entraram e saíram ao longo dos anos para o grupo que se forma no 3º ano do ensino médio, os concluintes. Na Escola A1, são concluintes apenas 34% dos alunos matriculados ao longo dos 11 anos de cada ciclo; na Escola A2, a porcentagem é maior, com 42%. O número de alunos reprovados na Escola A1 é maior do que na Escola A2, pois, somando-se os reprovados e transferidos com aqueles que ficaram na escola, temos 36% na Escola A1 e 29% na Escola A2.

Outro dado importante é que os alunos da Escola A2 tendem a permanecer mais na escola do que os da Escola A1 quando são reprovados. O número de transferidos é praticamente o mesmo nas duas escolas: na Escola A1 com 30% e na Escola A2 com 29%.

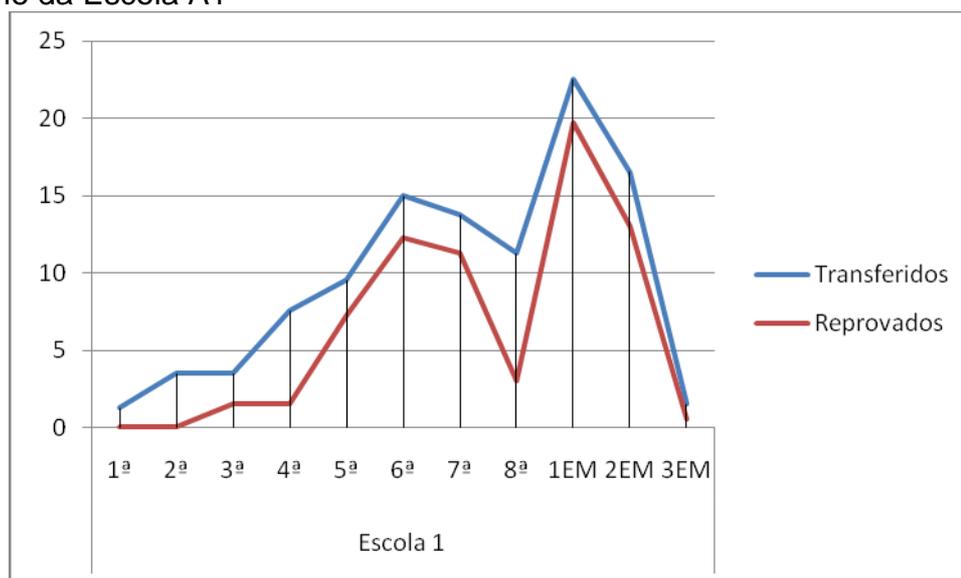
Gráfico 20: Consolidado dos quatro ciclos da Escola A1 e Escola A2 com a proporção e o número absoluto de alunos: concluintes, reprovados, reprovados e transferidos no mesmo ano e dos transferidos



No gráfico 21, vemos a comparação das médias das reprovações com as transferências em cada escola nos quatro ciclos. Na Escola A1, a linha das transferências é muito semelhante à das reprovações. Uma das coordenadoras disse que a escola costuma encaminhar alguns alunos para outras instituições por considerar que não tenham o perfil necessário e serão mais felizes em outro estabelecimento. Quando comentei esse dado com uma das orientadoras educacionais da Escola A1, ela disse que muito poucos saem por outra razão que não a reprovação. A escolha e a adesão ao estabelecimento é muito forte, pois não é uma escola de bairro, quem faz a escolha pela instituição só pede transferência quando é reprovado. As transferências, assim como as reprovações, são baixas nas três primeiras séries, na 4ª, se elevam um pouco para atingir 15% na 6ª série, quando voltam a diminuir, até atingir o ápice no 1º ano do ensino médio, quando também é a maior média de reprovações.

Uma indicação de que as transferências estão ligadas de alguma forma às reprovações é que elas não acontecem igualmente em todas as séries. Como veremos no próximo gráfico, muitas vezes elas acontecem no mesmo ano em que o aluno é reprovado, assim sua maior incidência geralmente é nas séries de maior retenção. Em alguns anos, elas são tão numerosas que o equivalente a uma turma de 25 a 30 alunos pede transferência.

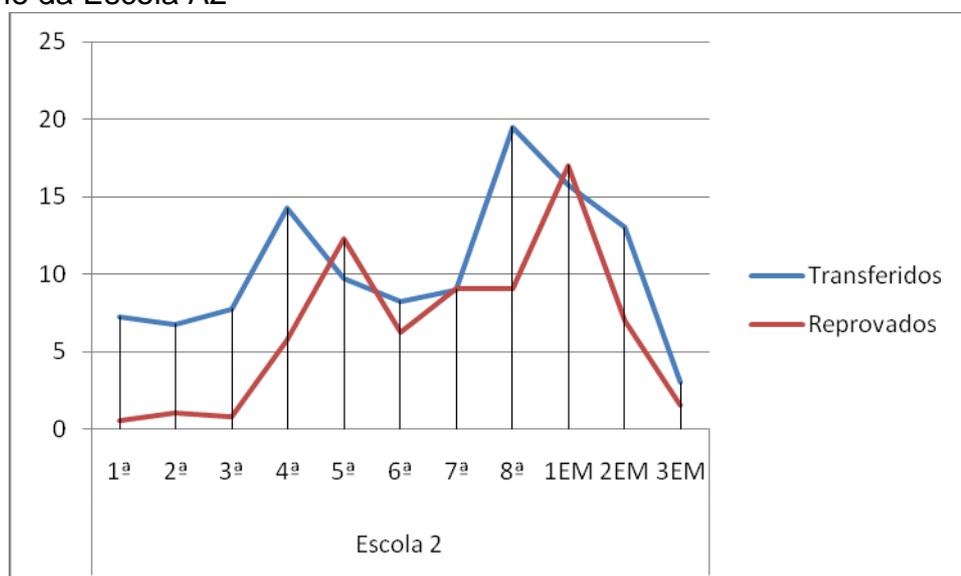
Gráfico 21: Médias das reprovações e transferências nos quatro ciclos de série da Escola A1



O gráfico 22 da escola A2 mostra um padrão diferente de transferências, o movimento é distinto, a linha das transferências não é tão simétrica a das reprovações. Até porque, como veremos no gráfico 23, os reprovados da escola A2 tendem a permanecer na escola, ao contrário dos reprovados da escola A1 que pedem transferência logo na primeira reprovação. Os picos de transferências são nas mudanças de segmento. Apesar da pouca retenção no primeiro segmento do ensino fundamental, a média de transferência na Escola A2 foi alta: nas três primeiras séries, em torno de 7%, até chegar a 14% na 4ª, o que pode ser uma indicação de que, apesar das poucas reprovações, as dificuldades encontradas pelos alunos podem ser catalisadoras da decisão de mudar de escola. Podemos pensar que essas famílias se antecipam, ou trata-se do “refinamento” do investimento escolar, conforme Paes de Carvalho (2006).

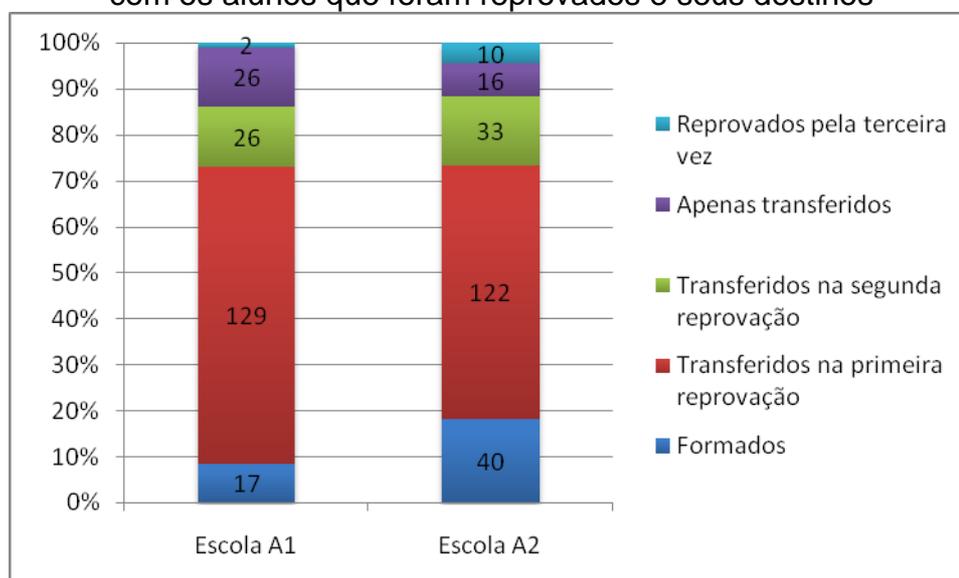
As transferências diminuem na 5ª, 6ª e 7ª, para voltarem a aumentar na 8ª série. Já as reprovações aumentam na 5ª, diminuindo em seguida, para voltar a aumentar no 1º ano do ensino médio, como na Escola A1. O alto índice de transferência na 8ª série talvez seja uma indicação de que os próprios alunos queiram tentar novos horizontes em outras escolas, pois é nesse momento que o aluno adquire mais autonomia em relação aos pais e pode fazer escolhas. Outra possibilidade é que no 1º ano do ensino médio a pressão pelo vestibular começa, e alguns optam por fazer os últimos anos de escolarização em estabelecimentos do tipo “cursinho”, preparatórios para o vestibular, ainda que a Escola A2 tenha ótimo desempenho no Enem.

Gráfico 22: Média das reprovações e transferências nos quatro ciclos de série da Escola A2



Na revisão de literatura, vimos que a repetência não é uma boa estratégia para melhorar o desempenho do aluno. Conforme a listagem nominal dos alunos levantada na escola foi possível observar o destino dos alunos reprovados, se eles se formaram na escola ou se pediram transferência. Foi possível acompanhar apenas os alunos que foram reprovados e permaneceram nas escolas nos ciclos de 1995, 1996 e 1997, pois seus nomes reaparecem no ciclo seguinte. Só não foi possível no de 1998, tendo em vista que não tenho os dados de 1999. Os dados parecem se direcionar para o que foi apresentado anteriormente: poucos alunos conseguem formar-se na escola após a reprovação.

Gráfico 23: Consolidado dos quatro ciclos da Escola A1 e da Escola A2 com os alunos que foram reprovados e seus destinos



Na Escola A1, apenas 8,5% (17 alunos)³⁹ conseguiram se formar a despeito de terem sido reprovados uma vez. Desses formandos, nenhum é do primeiro segmento do ensino fundamental. Na Escola A2, os repetentes têm mais chance de se formar, e vemos que 18% (40) terminam sua trajetória na mesma escola, sendo que desses apenas um foi da 3ª série do ensino fundamental.

Os dados das duas escolas corroboram, portanto, que o tratamento da reprovação não tem um resultado muito positivo. Mais do que recuperar o aluno, o que ocorre é a evasão da escola, pois 64,5% dos alunos reprovados na Escola A1 pediram transferência no mesmo ano e, na Escola A2, foram 55%. Esse fato

³⁹ Como o gráfico não aponta o valor da porcentagem, optei por colocar no texto a porcentagem, seguida do valor absoluto de alunos entre parênteses.

também ocorre na escola pública, como foi demonstrado por Costa Ribeiro (1991). As escolas particulares não costumam reter os estudantes que foram reprovados nas últimas quatro séries do 1º grau (Mello e Souza e Valle Silva, 1994), talvez seja esse um dos motivos pelos quais tantos alunos reprovados pedem transferência. Dos alunos que são reprovados e permanecem nas escolas, 12,5% da Escola A1 e 15% da Escola A2 são reprovados mais uma vez e pedem transferência na segunda reprovação. O pedido de transferência sem ser atrelado à reprovação ocorre com 13,5% dos alunos da Escola A1 e 7% dos alunos da Escola A2. É necessário dizer que desses que pediram a transferência, a metade dos pedidos foi feita no meio do segundo semestre, o que reforça a tese já mencionada anteriormente da transferência como uma estratégia de não reprovação. Dos alunos que pediram a transferência no final do ano letivo, não tive o resultado do seu desempenho para saber se porventura notas ruins teriam influenciado na sua decisão. Dos 12 alunos que reprovaram uma terceira vez, só tenho a informação de três: um se formou, um foi reprovado de novo e pediu transferência, e o outro apenas pediu transferência.

4.4 Coorte de turma

Como disse anteriormente, escolhi a coorte de 1997 da Escola A1 para uma análise mais aprofundada por ser a coorte que teve um número intermediário de formandos que estavam desde a 1ª série, como podemos ver na tabela a seguir:

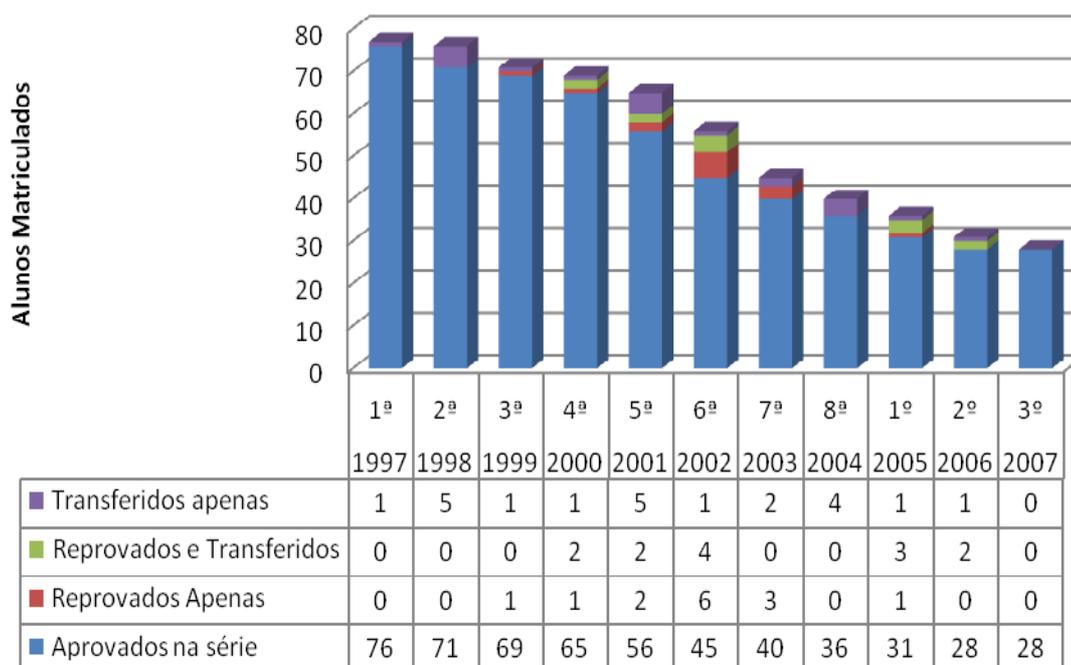
Tabela 9 - Frequência absoluta e relativa dos alunos matriculados da 1ª série e dos concluintes em cada coorte da escola A1

Coortes	1ª série	%	Concluintes	%
1995	89	100	22	25
1996	78	100	31	40
1997	77	100	28	37
1998	90	100	34	38

Interessante notar que no estudo de Galvão (2003) mencionado na introdução, a porcentagem de alunos formados na escola sem nenhuma reprovação foi de 27%, portanto, um pouco abaixo da encontrada na escola A1. Como no estudo foi demonstrada a seletividade social feita pela escola, talvez a explicação da diferença esteja por ser por sorteio a forma como os alunos são selecionados no Pedro II para a 1ª série. Os alunos da escola A1 são selecionados socialmente antes de entrar na escola.

Pelo gráfico 24 podemos ver mais uma vez a preponderância das reprovações na 6ª e 7ª do ensino fundamental e no 1º ano do ensino médio. As transferências ocorrem em maior número nas séries nas quais temos um maior número de reprovações e na 2ª, na 5ª e na 8ª série do fundamental. Podemos pensar que na 2ª e na 5ª os pais decidem mudar o aluno de escola por ver que talvez o perfil do filho não seja adaptado ao nível de exigência e de disciplina da escola. Na 8ª série, como já citado, a transferência se dá provavelmente por uma decisão do aluno em busca de novas experiências escolares. Ou talvez pela percepção de que as suas opções de carreira sejam menos seletivas e por isso o ensino médio da escola A1 seja exigente demais para as expectativas.

Gráfico 24 - Coorte da turma de 1997 - Escola A1



Numa tentativa de aprofundar a análise e tentar correlacionar desempenho escolar com origem social dos alunos, fiz o levantamento dos dados nas fichas dos alunos na secretaria da Escola A1⁴⁰.

Como análise exploratória, usei a informação da zona do bairro de moradia dos alunos como *proxy* de sua posição social para observar se haveria uma diferença entre os alunos que começaram na 1ª série do ensino fundamental daqueles que se formaram no 3º ano do ensino médio. Assim, considerei que provavelmente os moradores da zona sul teriam o nível socioeconômico mais alto do que a maioria dos moradores das outras zonas. Apesar de os números serem pequenos, a indicação da proporção é interessante para ser investigada. Conforme vemos a seguir, 50% dos alunos da zona norte se formaram na Escola A1, sendo que os alunos da zona sul foram em menor proporção, com apenas 39%.

Tabela 10 – Frequência absoluta e relativa da zona de moradia dos alunos da coorte de 1997 da escola A1 conforme moradia na 1ª série e os concluintes

Coorte de 1997 Escola A1	Alunos na 1ª série	Concluintes
Zona Sul	36	11
%	47%	39%
Zona Norte	33	14
%	43%	50%
Zona Oeste	7	3
%	9%	11%
Itaipu	1	0
%	1%	0%
Total	77	28
%	100%	100%

Talvez possamos imputar essa pequena diferença ao que Bourdieu (2005) chamou de disposição ascética da pequena burguesia (soma norte e oeste), que a transforma na clientela ideal da escola, pois reúne boa vontade cultural e espírito econômico, seriedade e afincamento no trabalho, absolutamente necessários ao sucesso da instituição. Já os alunos provenientes da zona sul têm “uma segurança proporcionada pela certeza íntima de poder contar com uma série de “redes de

⁴⁰ O envelope de cada aluno continha os contratos de prestação de serviço por ano escolar, uma ficha de matrícula onde constava o endereço e a profissão dos pais. Nos envelopes também estavam os históricos escolares, mas infelizmente não havia mais informações, nem mesmo se os pais eram casados ou não. O cadastro preenchido pelas famílias permanece com o serviço de orientação educacional e não tive acesso a essas informações.

proteção” (Ibid, p. 95), levando-os a considerar o esforço exigido pela instituição como algo penoso, exagerado, tendo em vista que seu futuro de classe não depende inteiramente dela. Essa segurança faz com que eles possam ter a “audácia” de falhar no projeto escolar. Preciso salientar, no entanto, que essa foi a única diferença que consegui encontrar. Nenhuma outra característica distinguiu os alunos que terminaram em 11 anos no mesmo estabelecimento sua trajetória escolar.

4.5 **Alunos bolsistas**

Busquei na escola A1 informação sobre os alunos que receberam bolsa desde 1995 até 2008, visando avaliar se a condição de bolsista ajudaria a estabelecer uma diferenciação entre as trajetórias escolares dos alunos bolsistas e não bolsistas. Esta estratégia não pode ser realizada de forma acurada, pois a Escola A1, até o ano de 2004, concedia bolsas de porcentagens variadas para 40% dos alunos da instituição⁴¹, e não tive acesso às porcentagens das bolsas, apenas à informação sobre quais eram os alunos bolsistas. A partir de 2005 o número de bolsas caiu radicalmente para 192 bolsas. Em 2008 o número caiu ainda mais para 92, isto é, menos de 10% dos alunos do colégio. Além disso, foi tomada a decisão de que não seriam mais oferecidas bolsas no primeiro ano do ensino fundamental, pois só após o pagamento de um ano letivo é que a família do aluno poderá solicitar a bolsa.

Diante disso, decidi trabalhar com os dados de 2005 até 2008, do ciclo de 2008. Fiz uma variável que era a razão entre os anos que o aluno recebeu bolsa em relação ao tempo de permanência na escola. Depois fiz um corte entre os alunos que receberam mais tempo de bolsa e menos tempo de bolsa. Fazendo o cruzamento dessa variável com a repetência, não houve diferença significativa entre os grupos. Os alunos que tiveram mais bolsa não ficaram mais reprovados do que aqueles que receberam menos bolsa.

⁴¹ Por volta de 400 alunos, em um total de mais de 800.

4.6 Considerações Parciais

Diante dos dados podemos considerar, portanto, que de fato como salientou Emerique (2008) qualidade e excelência escolar são expressões que não se confundem. Se as escolas de excelência escolar tivessem o IDEB calculado perderiam muitos pontos por conta da seletividade escolar operada pela reprovação.

Isso não é uma novidade tendo em vista a análise de Bourdieu (1989) e aqui no Brasil a pesquisa de Galvão (2003). A diferença que se observa neste trabalho é que são duas instituições privadas, ao contrário das estudadas por Galvão e Bourdieu. Aqui no Brasil, portanto, podemos considerar que a seletividade é ainda mais alta, pois começa com o valor das mensalidades. Nem todos podem pagar mais de R\$900,00⁴² por mês, por isso não vemos diferenças na origem social entre os alunos que entram, daqueles que se formam, como pode ser verificado por Galvão (2003).

Em segundo com a prova de nivelamento para entrar no colégio. Os alunos que ingressam em escolas de excelência possuem um repertório acadêmico que os permitiria passar para pelo menos um nível acima em outras instituições.⁴³ Bourdieu considera que a precocidade exigida pelas escolas de excelência permite uma economia do lento trabalho de aquisição que é necessário para alunos medianos, e é “uma das retraduições escolares dos privilégios culturais”(1989, 34)⁴⁴. No caso em tela, podemos dizer que a escola seleciona primeiro economicamente e depois culturalmente.

Finalmente, ao longo dos anos, a seleção por desempenho continua com as reprovações. Os dados deixam claro que existem pontos de corte nas escolas, como são os casos da 6^a, 7^a série do ensino fundamental e do 1^o ano do ensino médio. A teoria da reprovação calcada na personalidade e na capacidade de estudo dos alunos repentes de Fourastié (1972) e Ballion (1977) não parecem suficientes. Afinal no caso da Escola A1 vemos que somente 42% dos alunos têm o perfil escolar desejado.

⁴² Em torno de 470 dólares.

⁴³ De acordo como depoimento da educadora Cláudia Horta feito à Revista Veja (2009) especialista em preparar alunos para os testes seletivos das melhores escolas do Rio de Janeiro, “um aluno que se apronta para o 2^o ano do Santo Agostinho poderia perfeitamente passar para o 3^o de qualquer outro lugar”. Em: ALMEIDA, Lívia de. O caminho para a vitória. *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 4 nov. 2009. Educação, p. 24-30.

⁴⁴ No original: “En fait, la précocité n’est qu’une des retraductions scolaires du privilège culturel”.

Aparentemente, a escola no Brasil é algo para poucos e “bons”. Sua atividade principal é separar “o joio do trigo”, como disse um coordenador de uma escola tradicional do Rio de Janeiro, com excelentes resultados no Enem, que faz parte da pesquisa do SOCED. É claro que em escolas de alto prestígio não se pode ter o mesmo discurso das escolas públicas, não é esse o contrato que com elas é estabelecido, afinal são escolas de elite, logo para poucos. O processo analisado indica um número excepcionalmente elevado.

Considero, portanto, que temos aqui um reforço, pelo menos em parte, da tese da “pedagogia da repetência”, como denominou Costa Ribeiro. A seletividade escolar tão forte se transforma em marca de qualidade, pois sendo essas escolas de prestígio, elas são de alguma forma a imagem do que é considerado padrão em uma escola de excelência. Dentro disso, a reprovação maciça de alunos passa a ser um sinônimo de escola puxada, séria, que exige dos alunos uma boa performance. O contrato é claro: caso o aluno não consiga ter o desempenho esperado, ele será excluído do grupo. Talvez essa seja uma das explicações para que os nossos índices de reprovação sejam tão altos, pois, se esses alunos que, pela literatura em sociologia da educação, possuem todas as características que geralmente conduzem ao sucesso escolar são reprovados nessa proporção, muito mais razão tem a escola pública de reprovar os alunos que estão longe do “ideal”.

A comparação dos gráficos 16 e 17, mais as informações obtidas pelo panorama feito no capítulo 3, entretanto, nos permitem ir um pouco além para propor uma tipologia de escolas no que tange à repetência. As instituições não reprovam indistintamente, existem padrões que podemos observar pelas curvas mais ou menos acentuadas, e que por isso têm na reprovação uma marca institucional. Quanto maior a reprovação, maior a distinção. O número de concluintes é outro indicador. Na escola A1 vemos pelo gráfico 21 que se formam em torno de 70 alunos, já na escola A2 se formam no mínimo 90. A diferença do número de formandos não pode ser imputada ao tamanho das escolas, pois em metros quadrados a escola A1 é muito maior do que a escola A2.

Ainda que não tenhamos o número de concluintes das escolas incluídas no capítulo 3, podemos ver pelas curvas de não aprovação que outras escolas apostam nessa alta taxa de reprovação como símbolo de distinção. Poderíamos incluir nesta categoria as escolas: A4, A6, B2, B3, D1 e E1. Todas elas com taxas de acima de 15% de reprovação no 1º ano do ensino médio.